

# A representação do Egito e da Etiópia Antiga na *Geografia*, Livro XVII, de Estrabão

Jéssica Ladeira Santana<sup>1</sup>

Graduanda em História

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

**RESUMO:** Na presente comunicação temos objetivo de analisar como Estrabão, autor greco-romano, buscou representar os espaços egípcio e etíope, no século I a.C., na *Geografia*, Livro XVII. Por meio do aporte conceitual empregamos conceitos de representação, isotopia, identidade, alteridade e estigma. Ao descrever o vale do rio Nilo, o geógrafo utiliza seu ideal de mundo para descrever o Egito e a Etiópia. À vista disso, sua cultura greco-romana, interfere na representação dele à esses povos. A identidade do autor carrega atributos imperiais, e por isso prestigiadas no império romano, e ao deparar-se com o Delta, principalmente em Alexandria, o autor define estes locais mediante a isotopia, propiciada pela afinidade desta região com a origem dele. No caminho ao sul nilótico, percebemos um declive de elogios e até mesmo de escrita sobre os locais. Quando se dirige a Etiópia e seus habitantes, Estrabão não reconhece mais referências e nem analogias. No ambiente do outro, o geógrafo coloca os etíopes no lugar da alteridade, e em alguns momentos de sua descrição, chega a estigmatizá-los, denominando-os de trogloditas.

Palavras-chave: Império romano. Egito. Etiópia. Representação. Estrabão.

**ABSTRACT:** In the present communication, we have the goal to analyze how Strabo, a Greco-Roman author, represent the Egyptian and Ethiopian spaces in first century B.C., in *Geographic*, Book XVII. We employ the concepts of representation, isotopy, identity, alterity and stigma. In describing the Nile River valley, the geographer uses his ideal world to describe Egypt and Ethiopia. His Greco-Roman culture interferes in his representation of these peoples. The author's identity bears imperial attributes, and for

---

<sup>1</sup> Aluna de iniciação científica orientada pelo prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto. Membro do Laboratório de Estudo sobre o Império Romano (LEIR), seção ES. Bolsista FAPES.

that reason prestigious in the Roman empire, and when faced with the Delta, mainly in Alexandria, the author defines these places through isotopy, propitiated by the affinity of this region with his origin. On the way to the Nilotic South, we noticed a slope of praise about the places. When addressing Ethiopia and its habitants, Strabo does not recognize references or analogies. In the environment of the other, the geographer puts Ethiopians in the place of alterity, and in some moments of his description, he comes to stigmatize them, calling them troglodytes.

Key words: Roman empire. Egypt. Ethiopia. Representation. Strabo.

Nesta comunicação temos por objetivo apresentar os resultados alcançados no primeiro ano de iniciação científica. Nele analisamos o espaço do rio Nilo por meio das representações contidas na obra *Geografia*, Livro XVII, de Estrabão, e como ele descreve o vale nilótico beneficiando os locais helenizados e que contém presença do governo romano, em contraposição de seu relato sobre a Etiópia, região a qual é estigmatizada e narrada por meio da alteridade.

Mediante a isso, examinamos o contexto que a *Geografia*, Livro XVII, estava inserido no Egito romano, no século I a.C. Neste período o espaço egípcio vivenciava uma recente mudança política e social. Após a batalha do Áccio, Augusto incorporou este território ao império romano, e diferenciou-o das demais regiões, pois além de tornar-se Província Imperial Romana, também fazia parte da propriedade particular do *princeps* (VASQUES, 2005, p. 15).

Além da política, os habitantes do Egito também sofreram consequências pela da mudança do governo. Augusto intitulou o censo no vale nilótico, e os dados obtidos nele dividia a sociedade, pois por meio dele era definido quem pagava o imposto e quanto pagava. Com isso, os romanos ficaram isentos dessa taxa, já os helenos pagavam metade, e, os egípcios ficaram com a taxa integral (VASQUES, 2005, p. 16-7; SENA, 2016, p. 125-6).

Além de não pagar todo o tributo, os helenos também podiam trabalhar em alguns cargos burocráticos. Mas tinham que comprovar sua descendência para ter esses privilégios, isso era realizado por meio da propriedade, habitação urbana e educação grega (VASQUES, 2014, p. 54). O último era comprovado pela atuação no *gymnasium*, garantindo assim uma educação baseada nos preceitos da *paideia*.

Ao sul do Egito, o rio Nilo era composto por outra sociedade, a Etiópia, a qual tinha seu centro administrativo em Méore no século I a.C.. Nesse período este território, detinha de uma economia estável, atribuída pelo minério de ferro e pela agropecuária. E para comandar esta região, o posto central era estabelecido por um rei, e a baixo dele alto funcionários, como chefes de tesouro e comandantes militares (ALI HAKEM, 2010, p. 306).

A Etiópia tinha relação antiga com o Egito por séculos, e partilhavam de traços culturais semelhantes, como a religião. Deuses egípcios também eram cultuados pelos etíopes, como Ísis, a qual seus adoradores peregrinavam até Fila (cidade egípcia), o que ocasionava relação entre os povos vizinhos do Nilo (SHINNIE, 1974, p. 50). Mas nem sempre essa relação era pacífica, pois o governo egípcio-romano tentou invadir o espaço etíope. O que ocasionava a movimentação de tropas etíopes para sua fronteira ao norte para proteger contra os egípcios-romanos.

Nesse contexto Estrabão analisou a luz de sua identidade greco-romana as comunidades existentes no vale nilótico. A vista disso, para examinarmos a *Geografia*, Livro XVII, empregamos o conceito de representação definido por Roger Chartier (2012), pois partimos da ideia que a narrativa de Estrabão está implícito o seu lugar na *oikoumene*,<sup>2</sup> o qual é greco-romano, e isso reflete no modo de como ele analisa outros indivíduos e espaços. Visto que os seres humanos marcam o seu estar no mundo por meio de suas representações, como grupo ou sujeito. Ao se perceber, tentam compreender e decifrar o seu arredor e a si mesmo, pelas perspectivas de como ele se sente e sobre o mundo o qual pertence. E em comunidade, marcam visivelmente a existência de seu agrupamento e de como são representados, os reconhecendo como unidade. Assim, por intermédio de seu reconhecimento de si e de seu povo, constroem-se uma identidade, se alto definindo e determinando o outro como o diferente a partir de suas distinções.

Ao considerarmos a identidade dentro do Império Romano, iremos encontrar múltiplas. Todavia, à que define a majoritariamente o império é a greco-romana, baseada na *paideia*. Tal qual uma de suas práticas eram as artes, que no início do Principado, no governo de Otavio Augusto, foram incentivadas, desenvolvendo a literatura latina e com essa expansão esse período ficou conhecido como a Idade de Ouro da Literatura Latina

---

<sup>2</sup> Segundo Hidalgo de la Vega (2005, p. 277), *oikouméne* seria uma convicção do império romano desempenhar uma dominação sobre todo o mundo habitado, constituindo um *imperium sine fine*, impedindo-lhe aceitar a ocorrência de uma fronteira.

(SILVA, 2010, p. 12). Além dos literatos latinos, autores helenos também foram estimulados, ambos tendo em comum a louvação do império.

Um deles foi o autor da *Geografia*, Livro XVII. De origem helena, Estrabão nasceu na cidade de Amasia do Reino do Ponto, por volta de 63-2 a.C. Era um membro da elite, o que propiciou estudar com os principais eruditos de sua época, como Aristodemo de Nisa, que também ministrou aulas para filhos de governantes, como Pompeu. Sua educação foi baseada na *paideia*, como podemos perceber a partir de seus escritos, e suas cações de intelectuais como Homero, Heródoto e Políbio, os quais, de acordo com Duek (2000), influenciaram Estrabão na estrutura e no conteúdo da *Geografia*.

Para analisar a geografia e a história da *oikoumene*, Estrabão pesquisou por meio de livros e de viagens os territórios do mundo conhecido, como Roma e o Egito. No vale nilótico acompanhou uma expedição militar ao lado do prefeito egípcio e seu amigo pessoal, Élio Galo. Nessa viagem, ele vivenciou o Egito romano, alguns anos após sua dominação.

Os dois territórios que compunham o vale do rio Nilo na Antiguidade, estão descritos na *Geografia*, Livro XVII, a qual é uma importante fonte para nós informa como estava no século I a.C. a etnografia e a topografia do vale nilótico. Averiguando a obra, verificamos maior destaque a região do Delta, principalmente à Alexandria, destinada a mais de um capítulo. Esta cidade era agradável desde a “qualidade de seu ar” até a monumentos considerados por Estrabão sendo belos, como os parques e os palácios. A economia é citada por meio de seu comércio marítimo, atribuindo a capital egípcia um “alto índice de exportação”.

Estrabão faz alusões benéficas à Alexandria desde a sua fundação por Alexandre, o Grande, no entanto deprecia o local no final do governo heleno, e quando o Império Romano toma o poder egípcio, ele volta os méritos à cidade. Isso ocorreu na concepção do geógrafo, pois nesse período o Egito era uma “província de Roma”, e, além disso, era “governada por homens prudentes”, os quais são os romanos. Já o governo ptolomaico perdeu seu poder para Otávio, após vicissitudes no âmbito político.

Os indivíduos que compõem Alexandria também foram embutidos na análise de Estrabão, o qual utilizou da descrição de Políbio. Segundo ambos, os alexandrinos eram indivíduos que “[...] não estavam muito inclinados à vida civil, porém eram melhores do

que os outros. Pois embora fossem uma população mista, eram de origem grega e tinham conhecimento dos costumes helênicos comuns” (Estrabão, XVII, 1, 12, tradução nossa). Os autores helenos realizam uma crítica ao empenho cívico dos alexandrinos, porém ainda consideravam melhores do que os autóctones, pois deter de uma ancestralidade helena era considerada prestigiosa dentro da *oikoumene*.

Apesar de Estrabão não exaltar o antigo governo egípcio dos Ptolomaicos, ser heleno e cultivar os costumes da *paideia*, era visto louvadamente no Império Romano. Os indivíduos que mantinham as tradições greco-romanos detinham de um maior prestígio na sociedade egípcia, conseguindo posições altas no governo. Estrabão era um indivíduo da elite, e ao se deparar com pessoas semelhante com a sua representação social, gerava um sentimento isotópico. Tal conceito estudado por Lefebvre (1999, p. 43), o qual defini isotopia como “[...] um lugar (topos) e o que envolve (vizinhança, arredores imediatos), isto é, o que faz um mesmo lugar. Se noutra parte existe um lugar homólogo ou análogo, ele entra na isotopia.” Mesmo não estando no reino do Ponto, Alexandria o fazia sentir-se pertencente ao local.

Indo em direção ao sul do Egito, na região do Fayum, Estrabão chega em Arsínoe, e explica que esta cidade não foi sempre denominada assim, e que anteriormente seu nome era Crocodilópolis, isto era devido a “grande devoção ao crocodilo” nessa cidade. Ainda no Médio Egito, o geógrafo deparou-se com um monumento que ascendeu interesse a ele, os quais foram pirâmides na cidade de Babilônia. Nesse período, indivíduos de diversas localidades da *oikoumene* começaram a movimentar-se para terras egípcias para apreciar os monumentos arquitetônicos construídos na época dos Faraós, pois a cultura do Egito Antigo era considerada exótica pelos greco-romanos. Além disso, são considerados excêntricos para Estrabão, mas não chega a louvar e nem depreciar este espaço do rio Nilo.

Na última região do Egito, na Tebaida há mais representações culturais autóctone em contraposição à helena. Deuses importantes na religião egípcia são referidos, como Ísis, Osíris e Serápis, o último celebrado em Níttria, cidade a qual realiza o sacrifício de ovelhas, sendo a única que pratica este ritual, que nos indica uma permanência do culto à Amon-Rá. A polis mais ao sul do vale nilótico, Ptolemais, também é descrita por Estrabão que salienta um fator que não encontrava nas últimas cidades por onde passou era “governada de maneira grega”, e que a constitui “a maior cidade da Tebaida”. Chegando quase na fronteira com a Etiópia, Estrabão apenas descreve os monumentos que

diferenciam as cidades. Como Elefantina estar localizada em frente a “Siene”. A última é referida ser o local onde termina o Egito, na fronteira com os etíopes.

Ao chegar na Etiópia, a descrição decai e pesa para com os etíopes. Estrabão chama eles de “trogloditas”, diversas vezes no capítulo reservado aos moradores de Méroe, e tal como expõe no capítulo dos egípcios. Além desse adjetivo pejorativo, o geógrafo refere aos etíopes como indivíduos “nômades” e “sem recursos”, ignorando as subjetividades dessa sociedade.

Por meio deste contexto histórico, averiguamos que os indivíduos greco-romanos eram os beneficiados na conjuntura mostrada na *Geografia*, Livro XVII. E através da narrativa de Estrabão, percebemos a representação dada por ele em sua análise. Em Alexandria e no Delta, é reconhecida como região isotópica para Estrabão, lugar onde ele considera semelhante, pertencente e que faz analogia a sua origem. Já no Fayum e na Tebaida, percebemos um declive entre o lugar do eu e do outro, mas não chegando a depreciar o que não pertence, e o considera exótico. Chegando na Etiópia, a identidade do autor, que é a greco-romana, depara-se com o outro desconhecido. Identidade utilizamos o conceito trabalhado por Tomaz Tadeu da Silva, o qual constitui identidade como “[...] a referência, é o ponto original [...] reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos” (SILVA, 2000, p. 75-6).

Como uma substância química heterogênea, Estrabão não consegue se misturar para compreender os etíopes. E, nessa heterotopia, ou seja, o lugar do diferente, ele representa o outro caracterizando pejorativamente. Com isso Estrabão exprime uma alteridade com o indivíduo e o espaço dessemelhante, do outro chegando até o ponto de estigmatizar os etíopes, diminuindo a sua cultura, lugar e pessoas. Analisamos a estigmatização de Estrabão perante o território etíope concordando com Goffman que entende que estigma é “[...]quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.” (GOFFMAN, 2004, p. 6)

Tendo em vista os aspectos mencionados, consideramos que as representações sociais contidas na *Geografia*, tendem a louvar o Império Romano, principalmente os que propagam e mantêm a cultura greco-romana. Nisso, os espaços a margem do limes

romano decai na concepção do autor, pois além de não conter a cultura ideal romana, não está dentro do império. Mesmo não sendo um romano, Estrabão aceita a nova ordem, “[...] que o poder de Roma é irreversível e não alimenta ilusões nativistas, mas sim mostra abertamente alegria pela volta da ordem, que o permite seguir desfrutando de seus privilégios, e busca seu benefício no novo umbigo do mundo” (BLANCO, 1991, p. 33). E, a partir dessa perspectiva, defini o outro como algo desfavorável, na alteridade, e reforça o que ele entende de si, o benéfico para ele, o qual é ser um indivíduo greco-romano.

## Referências bibliográficas

### Documentação primária

ESTRABÓN. *Geografía* XVII. In: ESTRABÓN. *Geografía: Libros XV - XVII*. Introducción, traducción y notas de Juan Luis García Alonso, M.<sup>a</sup> Paz de Hoz García Bellido e Sofia Torallas Tovar. Madrid: Editorial Gredos, 2015.

ESTRABÓN. *Geografía I – II*. Tradução direta do grego por J. García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

### Bibliografia instrumental

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Difel, 2002.

LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

SILVA, T.T. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

### Obras de apoio

ALI HAKEM, A. M.; HRBEK, I; J. VERCOUTTER, J. A civilização de Napata e Méroe. In: MOKHTAR, G. (Org.). *História geral da África, II: África antiga*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 297-331.

DUECK, D. *Strabo of Amasia - A Greek Man of Letters in Augustan Rome*. London: Routledge, 2000.

HIDALGO DE LA VEGA, M.J. Algunas reflexiones sobre los limites del olkoumene en el império romano. *Gerión*, Madrid v. 23, n. 1, p. 271-285, 2005.

SENA, N.V. *Espaço, violência e identidade em Alexandria: um estudo sobre o Conflito de 38 d.C.* 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.

SHINNIE, P. L. *Méroe: uma civilização do Sudão*. Lisboa: Verbo, 1974.

SILVA, S.C. O Principado Romano sob o Governo de Otávio Augusto e a Política de Conservação dos Costumes. *Crítica & Debates: Revista de História, Cinema e Educação*, v. 1, p. 1-17, 2010.

VASQUES, M.S. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito romano: máscaras de múmia*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VASQUES, M.S. Espaços urbanos e relações de poder no Egito romano. *Romanitas*, v. 3, p. 47-64, 2014.